

Três folhetins inéditos de Francisco Correa Vasques (*Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 1883)

Three unpublished folhetins de Francisco Correa Vasques
(*Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 1883)

Silvia Cristina Martins Souza *

Resumo

Três documentos inéditos, precedidos de uma breve apresentação na qual se indica sua importância para pesquisas sobre o teatro brasileiro. Tratam-se de folhetins da série *Scenas Comicas* de Francisco Correa Vasques, publicada na *Gazeta da Tarde* (RJ) entre 1883 e 1884.

Palavras chave: História; fontes; folhetim; teatro.

Abstract

Three unpublished documents, preceded by a brief presentation in which their importance for research on the Brazilian theater is indicated. These are “folhetins” from the series *Scenas Comicas* by Francisco Correa Vasques, published in the *Gazeta da Tarde* (RJ) between 1883 and 1884.

Keywords: History; sources; folhetim; theatre.

Arte social, do efêmero, da alteridade e da presença, o teatro foi o principal entretenimento coletivo do século XIX. Dadas suas peculiaridades, os historiadores que o pesquisam têm que recorrer a fontes diversificadas e estabelecer inúmeras mediações para ter acesso ao mundo dos espetáculos. Dentre as fontes que vêm sendo utilizadas por historiadores brasileiros, os folhetins têm demonstrado ser de grande valia.

Escritos quase sempre por homens de letras, os folhetins emergiram como instrumentos de projeção para novos escritores; de consagração para os já conhecidos; de ampliação dos leitores e de aumento de receitas para os periódicos. Mas houve quem não fosse letrado mas que adentrou a esse “mundinho fechado”, como o ator e dramaturgo carioca Francisco Correa

* Doutora em História pela UNICAMP. Professora associada do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: smartins@uel.br

Vasques, que assinou a série *Scenas Comicas* publicada na *Gazeta da Tarde*, jornal de José do Patrocínio. entre 18 de outubro de 1883 e 17 de julho de 1884. Homem livre pobre, mulato, que estudou apenas até os 12 anos, quando passou a trabalhar como caixeiro na Alfândega do Rio, Vasques não apenas se tornou ator e dramaturgo bem sucedido, tendo escrito, publicado e encenado, até onde se tem notícias, 64 peças teatrais, como também exerceu a função de folhetinista.

Homem de teatro por excelência, não espanta que nas suas *Scenas Comicas* ele tenha reservado grande espaço para este tema. Mas na sua série ele também abordou outros assuntos tais como a campanha abolicionista; a falta d'água e as enchentes de verão no Rio; a greve da Guarda Urbana e os acidentes provocados pelos bondes. Ou seja, foi a política o mote dos seus artigos.

Inicialmente acreditou-se ser a série *Scenas Comicas* composta por 22 textos, mas recentemente, com a descoberta de mais 5 folhetins, verificou-se ser ela mais longa.¹ Além disto, o folhetim inaugural foi dado como perdido por longo tempo, em função da concentração das pesquisas no acervo da Biblioteca Nacional (R.J.) onde a coleção da *Gazeta da Tarde* não está completa. No Arquivo Público de Pernambuco (Recife), todavia, existem exemplares deste jornal dentre eles 3 números que contêm, o folhetim de abertura de 18 de outubro de 1883, e mais dois outros também desconhecidos, os de 31 de outubro e 6 de dezembro de 1883.² Neles o autor trata, de forma bem humorada e crítica, de práticas introduzidas por certos empresários e prestidigitadores os quais lançavam mão de expedientes duvidosos para enfrentar uma concorrência cada vez mais acirrada; das relações de trabalho no mundo teatral e do cotidiano dos atores; da imigração chinesa; das disputas entre partidos políticos; loterias; problemas econômicos do país e da escravidão, além de aproveitar-se para por meio deles fazer propaganda da empresa teatral em que atuava, a de Jacinto Heller, que funcionava no Teatro Santana.

Relegado à vala comum do anonimato pela historiografia do teatro brasileiro por longo tempo, Vasques tem sido reabilitado nas últimas décadas. Hoje se pode dizer que existe uma quantidade representativa de trabalhos

¹ Ver SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *Scenas Comicas de Francisco Correa Vasques*. Curitiba: Prisma, 2017.

² Deixo registrado aqui meu agradecimento ao Cesar, que informou sobre a existência desses folhetins e nos enviou imagens dos mesmos. Os dados por ele fornecidos foram checados, identificados ano, número da edição e páginas correspondentes no jornal, que não constavam das imagens por ele remetidas. Para o estabelecimento dos textos foram seguidos os seguintes critérios: foram mantidos os erros ortográficos e de português, realces tipográficos, pontuação, abreviaturas e as separações de assuntos com asteriscos, tais como no original. O português foi atualizado.

que tratam da sua atuação como ator e dramaturgo e, em menor intensidade, como folhetinista.³ Diante da importância deste personagem referencial para o teatro brasileiro, nosso objetivo, com a publicação destas fontes, é apresentar estes textos inéditos que podem contribuir para futuras pesquisas sobre o teatro brasileiro e sobre a atuação de Vasques nos dois meios de comunicação mais importantes do seu tempo - o teatro e a imprensa -, sobretudo para os que se interessam em entrecruzar as histórias social, cultural e política. Vamos, então, aos textos!

Scenas Comicas

Pano acima.

Nunca na minha vida me senti tão acanhado como hoje. Represento desde 1856 e só, neste momento sinto as verdadeiras emoções de uma estreia.

Falta-me tudo; isto de representar sem ter público diante de si: não; não poder ouvir a constante gargalhada do espectador ou o sorriso engraçado que parte de um camarote, é deveras desanimador. Lembra-me agora mais do que nunca, e com saudades, daquele homem que me guiou os primeiros passos sobre a cena e que se chamava Emílio Doux. Dizia ele nesse tempo:

- Oh! O pequeno Vasques não tem jeito para isto: ele só sabe falar de papagaio.

É o que me acontece nesta ocasião, só sei falar de papagaio e praza a Deus que possa desempenhar a minha missão com alguma habilidade, pois falar de papagaio, repetindo aqui o que se ouve com acerto e clareza já é alguma coisa. Conheço muitos que nem isso fazem, apesar do grande mealheiro do tesouro.

* * *

Ah! Patrocínio! Patrocínio! Tu és o maior velhaco que eu conheço! Tu que andas com a tua palavra, com a tua pena, com o teu repouso, com o teu próprio sangue a batalha daqueles que vegetam sob o azorrague do cativo, não hesitaste em agrilhoar-me à tua vontade tornando-me cativo da *Gazeta da Tarde*.

Os teus leitores o que vão dizer? O que vai dizer a crítica?

³ Ver LOPES, Antônio Herculano (org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fcbr/Topbooks, 2000; MARZANO, Andréia. *Cidade em cena. O ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008; MENCARELLI, Fernando A. *A Voz e a Partitura: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908)*. Campinas (Tese de Doutorado em História). Unicamp, 2003; SOUZA, Sílvia Cristina Martins de. *Scenas Comicas de Francisco Correa Vasques*. obra citada e VENEZIANO, Neyde. *Espelho invertido. Percevejo*, n. 8, 2000.

- Ora esse Vasques não tem mais que fazer. Acha pouco aturá-lo no teatro, ainda vem cacetear-nos aqui!

Até hoje, quando eu passava descuidado por essas ruas da cidade, só ouvia:

- Comendador, como vai?

- *Seu* comendador passa bem?

- Oh! Vasques estás melhor?

- Oh! Cara dura não tens ensaio hoje?

- Oh! *Seu Chico* quando vai a *Juanita*?

Porém agora tenho mais um título.

Já estou ouvindo gritar aos meus ouvidos:

- Oh! Meu folhetinista das dúzias, dá cá um abraço.

E quem será o responsável deste novo suplício? Tu, José; tu, meu velho, que pensas que o teu talento é partilha de todos e que quando

Estendes a mão a qualquer nulidade ela deve sentir a descarga elétrica das tuas grandes habilitações.

* * *

Enfim cada um enterra seu pai como pode; valha-me a boa vontade e a indulgência do público com a qual eu tantas vezes já me tenho apadrinhado.

Se eu pudesse servir-me dos meus recursos da cena, com certeza estaria menos embaraçado, porém o palco aqui é de outro gênero e o tablado muito mais escorregadio que o outro. Tenho por tangões tiras de papel, o tinteiro por buraco do ponto e a pena por contra regra. Não vejo o Heller calcar o dedo no botão da campainha elétrica, não ouço o Mesquita dar o sinal para a orquestra, nem posso espiar o público pelo buraco do pano para ver se a casa está cheia ou se descubro algum amigo mais do peito na plateia.

Estou só, não tenho os meus velhos companheiros ao PE de mim, falta-me o Guilherme de Aguiar com o seu talento vigoroso, o Areas que me viu nascer no teatro e a quem eu conheço desde 1849 sempre o mesmo, o Mattos, o engraçado *guarda urbano* com quem eu me simpatizei sempre e o público é da minha opinião e; o Lisboa que estreou comigo no teatro de S. Pedro de Alcântara no *Morrer para ter dinheiro* e o Mesquita, esse tirano que tem abusado da minha boa fé fazendo-me cantar óperas cômicas e arrancando da minha pobre garganta com a sua batuta prodigiosa, notas tão parecidas com as notas verdadeiras, que até hoje ainda não fui parar em Fernando de Noronha; enfim, até me falta o Tavares esse pianista distinto que é hoje também companheiro de trabalho e que vinha sempre encher o meu camarim todas as noites com as suas pilhérias e com aquelas gargalhadas monstruosas, que só ele sabe dar!

Se tivesse essa gente toda ao pé de mim, como era feliz! Podia garantir o meu sucesso. Eles são uns verdadeiros demônios!

Ainda me lembra uma noite que passamos em casa de uma inteligente colega que nos convidara para cear e onde o Tavares comeu quatro pratos de arroz!

Eu devo prevenir os leitores, esse Tavares não é só um bom músico, não é só bom amigo, é também magnífico garfo.

Que noite aquela! Ainda tenho saudades!

Improvizamos uma representação antes da ceia; cantamos uma ópera lírica!

O Tavares no piano, o Areas fazia de malvado, o Guilherme de jardineiro bufo, eu de tenor (sempre o tenor!) a nossa colega e dona da casa fazia de prima dona e só cantava com luz elétrica!

O que nós fizemos não se pode descrever. Para terminarmos a ópera foi preciso que um nosso amigo, homem sério que se achava presente tomasse parte na representação fazendo o papel de um desconhecido para avisar-nos que a vizinhança estava furiosa e que a ceia estava ficando fria; se não fosse isso eu creio que o Areas ainda estava lá a estas horas a cantar as tiranias do seu papel.

* * *

Ouçõ falar muito por aí na imigração chinesa, nada sei de positivo mesmo por não querer meter-me em cavalarias altas, contudo direi que a ideia não me parece má de todo; venham mais esses para *tomar chá com a gente*, e como este chá não é de garfo e esse povo cá do Brasil foi sempre amigo de música podemos pedir com todas as nossas forças *venha chim, venha música, só assim teremos chá e som!*

Há quem implique com esta história de rabicho... porém eu acho que não tem razão, a moda vai pegar, hei de ver o rabicho chegar à altura de um princípio, quem não tiver o seu rabicho não vale Ada. Diz-se hoje: Fulano é muito rico, é um grande cafezista e tem mais de trezentos contos no Banco do Brasis; dir-se-á amanhã: Fulano tem muito chá e possui mais de quatrocentos rabichos. As moças que quiserem livrar-se de algum importuno bastará dizer-lhes:

- Moço vá-se embora, você não tem rabicho.

A febre há de ser geral, ninguém escapa, vamos ter finalmente a certeza que dentro em muito pouco tempo tudo no Brasil há de andar enrabichado!

* * *

Por enquanto vão os fluminenses contentando-se com a invasão dos prestidigitadores; a mania da empalmação está no auge, e o grande caso é que já se vai lucrando alguma coisa com eles, estão em luta e descobrem ao público os artifícios de que se servem para iludir o povo. Se eu fosse homem político talvez dissesse agora aqui que esta maneira de proceder entre colegas assemelha-se muito com certos programas ministeriais, que prometeram tudo e nada fazem! Hermann explica a sorte dos lenços!

Bosco ensina o *truc* dos relógios; parece a loteria da província a brigar com a da corte; uma anuncia duzentos contos, outra quatrocentos, esta anuncia seiscentos, aquela anuncia mil e o povo vai sem sentir deixando-se espalmar por estas e outras nigromancias. O conde Patrizio lá está no Politeama a fazer das suas e dos outros; espectros, sombras impalpáveis, magnetismo, sonambulismo, *escamotismo* e, o que é realmente admirável, o seu *Jap Of Japs* que é capaz de equilibrar uma sogra nas costas do mais desgraçado genro! Se este homem quisesse podia prestar um grande serviço ao governo do Brasil equilibrando a receita com a despesa geral!

Bosco também podia concorrer com seu prestígio para glória deste país, aplicando a sua grande cena de decapitação à hidra da escravidão; não lhe faltariam flores nem aplausos dos brasileiros.

Hermann esse então mais serviços podia prestar que nenhum outro, fazendo multiplicar o dinheiro sem o auxílio, nem o tempo perdido da caixa econômica e ensinando o processo do seu armário encantado ao Banco do Brasil para guardar os seus valores, podendo ficar com as suas portas abertas sem que ninguém veja ali dentro outra coisa alguma.....

Esse Hermann ainda pode vir a ser no Brasil a causa de grandes conflitos. Eu já vejo daqui liberais, conservadores, republicanos, ultramontanos e tudo mais que se contém na política brasileira, querer a força naturalizá-lo para o fazer eleitor e apreciar a maneira porque ele empalmará nossas futuras e escamoteadas eleições. Isto não endireita! Tomem nota!

* * *

Se eu estivesse no teatro, era esta ocasião para cantar o couplet final pedindo indulgência e algumas palmas ao público; como não estou limito-me a pedir desculpas a todos os leitores que, habituados às penas de França Júnior, C. L. ardozo de Menezes, Joaquim Serra e outras tantas a quem peço perdão de não nomear, encontrarão somente neste folhetim banalidades, que por certo mais força teriam se fossem proferidas de cima do palco; porém eu não sou o culpado, o verdadeiro criminoso chama-se José do Patrocínio.

F.C. Vasques
Rio, 18 de outubro de 1883.⁴

⁴ *Gazeta da Tarde*, ano IV, n. 243, 18 de outubro de 1883, p. 1.

Os leitores já devem ter assistido ou pelo menos ouvido falar na *Macotte*.

Essa ópera cômica cujo enredo caminha graciosamente por entre aqueles três atos cifra-se no caiporismo de Simão Quarenta e de Crispim, um pobre diabo que ele depois arvora em seu camarista.

Ambos vítimas do mau olhado e do quebranto arrastam na opereta uma existência cheia de peripécias que os tornam dignos de lástima.

Há por aí quem não acredite em semelhante tolice só própria para servir de argumento a esse gênero de composições. Pois, senhores, eu confesso e creio até que a nossa vida está presa a esses pequenos nada de que se não faz caso e que parecem influir constantemente na nossa maneira de viver.

Há quem embirre com tinta entornada.

Há quem não goste de azeite no chão.

O chinelo virado é azar pra muita gente.

Alta noite o uivar de um cão é sinal de desgraça.

Eu pelo menos não posso ver uma vassoura de pernas para o ar e fico de orelha em pé desde que me acontece partir um espelho.

* * *

Tudo isso vem a propósito de que? Perguntará o leitor.

Vou satisfazê-lo.

Quero falar da *Juanita*, aquela opereta que nos foi dada pelo Heller na quinta-feira passada em terceira edição correta e aumentada e com luxo de encadernação acima de todo elogio.

Foi realmente um mimo que essa empresa acaba de oferecer ao público fluminenses.

Desde o compara até a primeira figura; desde o maquinista até o pintor; desde o primeiro coro até ao brinde onde há o agitar de uma multidão de lenços, que torna o final da peça de um pitoresco encantador; tudo foi cuidado, ensaiado e posto em cena com um esmero, capricho a que o público já está habituado.

Infelizmente o herói dessa noite, o Sr. Pollero, que no ensaio geral de quarta-feira tinha levantado a imensa multidão, que enchendo o teatro de Santana o cobriu delirante de aplausos; infelizmente o Sr. Pollero enrouqueceu repentinamente.

O que foi? Perguntava um. O que tem? Interrogava o outro. O barítono está doente? Que aconteceu?

Bebeu depois do ensaio um copo de cerveja gelada e chupou em casa uma laranja?

Nada mais, nada menos.

Esta cerveja gelada foi alvo de todas as maldições e a laranja transformouse, para o Sr. Pollero, desde aquele instante, no *fruto proibido*.

A minha questão, porém, é outra; não acredito nos efeitos da cerveja e da laranja; aqui ainda por força mau olhado, enguiço, quebranto, ou outra qualquer ogerisa.

O Heller que é freguês de missas às sextas-feiras, deve concordar comigo e comprar desde já uma figa para todos os atores da companhia. Eu já encomendei uma e é torta!

* * *

Por esse motivo ficaram as representações de *Juanita* interrompidas à espera que Estebaninho possa trabalhar de pena e de voz.

Isso, porém, não impediu que Mme. Massart nos desse um Raul d`Avril fino, de boa educação, e, principalmente, cantado com grande proficiência.

Não impediu que Rosa Villiot se mostrasse a atriz caprichosa que é, pois deu-nos deu-nos uma Clarisse digna da sua última criação – Gillete de Narbonne.

Não impediu que Mme. Henry mostrasse toda a pujança de sua veia cômica, dando-nos a única Olímpia possível.

Também não causou embaraços a Guilherme de Aguiar que nos apresentou um Delgado de Barriga na altura de todas as suas interpretações, tocando de leve no burlesco e sempre firme naquela naturalidade que é uma das partilhas do seu grande talento.

O Mattos não deixou por isso de ser verdadeiramente cômico no seu papel, tirando o partido possível do seu personagem *partido*.

Areas acompanhou com talento os seus colegas; Fantoni, Pinto Silva, Lisboa, André, Nino, Felipe, etc, etc, não deixaram por isso de concorrer para o sucesso da noite.

Parabéns, pois, a empresa.

O público espera ansioso que *Juanita* reapareça; Ate lá, meu Heller: Figas! Compra figas!

* * *

A figa é um grande remédio para evitar o quebranto e sacudir o caiporismo que parece atacar também outras empresas.

Boldrini, no Príncipe Imperial, pouco tem feito; Braga Júnior chega de fora com sua companhia, em cujo elenco figuram colegas de merecido mérito e a chuva tem afastado a concorrência a que ela tem direito.

O conde Patrizio também no sábado esteve debaixo desta mesma influência, não foi muito feliz no seu benefício.

Hermann não foi fuzilado domingo.

Souza Bastos, apesar de todos os triunfos, parte para São Paulo.

É este um caso para dar-se parabéns aos paulistas.

Eles vão ouvir uma *Juanita* que não é nenhum peixe podre.

Dou, portanto, um conselho de graça a todos os empresários: compreem figas, muitas figas. A única que talvez não precise dela é a Apolônia. Pudera, o *demoninho* da empresária anda aos beijos com Satanás...

Só assim.

* * *

Eu é que felizmente não ando muito caipora; acabo de ler um livro de um velho camarada a quem não via há anos. São realmente de muito valor as suas *Scenas da Roça*, meu Corrêa! Há muito tempo não vejo um livro tão original e que me causasse tanto prazer. Os teus versos são de uma naturalidade soberba, os teus personagens de um desenho perfeitamente acabado; vê-se que tu os conhece de perto. Obrigado pelo teu livro meu Corrêa, ele veio despertar em minha alma saudosas recordações: A minha mocidade e o meu tempo de menino.

Foi na roça que eu fui convalescer, aos oito anos, de uma grave enfermidade de que me tinha atacado.

Que saudades!

Ouvir os pássaros de madrugada, sentir o aroma dos campos, correr pela estrada real depois de ter tomado uma boa tigela de leite e voltar para o sítio onde me esperava uma gorda galinha ensopada!

Oh! A galinha!

Eu sempre fui doido por ela.

Lembra-me que uma vez, jantava eu com minha mãe em casa de uma fazendeira respeitável e que ao servir-me de galinha apenas me deitou no prato uma asa e dois caroços de ervilhas. Como criança, exclamei: - Ah! Homem tão pouco! Esta frase valeu-me um furioso beliscão que minha mãe aplicou-me na coxa direita e que ainda me dói até hoje.

Isto, porém, não alterou em nada o meu apetite, e quando voltei para a corte estava completamente restabelecido e gordo como um capado! Quando voltei à roça pela segunda vez eu já tinha quinze anos, foi nesse tempo que o Dewus Cupido começou a divertir-se comigo, foi pois na roça que eu tive a primeira namorada. Que sonhos! Que tempo! Acordar pela manhã e tomarmos café jutos, mandar encilhar os animais e partirmos a galope até a fazenda vizinha, voltarmos à casa, onde ela me pedia para socar milho para os seus pintinhos; e à noite, todos reunidos no terreiro, eu sempre ao lado dela, a

contarmos histórias de fadas um ao outro ou a inventarmos jogos de prendas. Até os nossos arrufos tinha graça, ainda me recordo, ela fechava-se no quarto todo o dia e eu ia chorar para baixo da mangueira.

Foram estes os meus primeiros amores.

Passados anos eu entrei para o teatro e ela casou-se com um primo fazendeiro. Todas essas recordações são devidas ao teu livro, meu Corrêa, às tuas *Scenas da Roça!*

Ainda uma vez, obrigado.

F.C. Vasques
Rio, 31 de outubro de 1883.⁵

Cenas tristes devia ser o título do meu folhetim de hoje. Sinto-me nervoso, o meu coração de pai acha-se oprimido, tenho vontade de chorar.

Por que?

A leitura da *Bébé* de Guerra Junqueiro e da *Rediviva*, de Cardoso de Menezes, produziram-me na alma o que é de doloroso, de triste.

Parece que aqueles dois homens de mãos dadas, vieram acentuar ainda mais no meu espírito o doloroso fato de que fui testemunha na noite de 23 de Novembro, no teatro das Novidades.

Cheguei a pensar que era um sonho! Cheguei mesmo a duvidar que a especulação pudesse subir a tamanho grau de vileza!

Não ME podia habituar à ideia que houvesse um pai capaz de descer tanto, atirando uma filha (se é que o és) às apupadas de uma plateia inteira!

Pobre anjo!

Criança, que ainda ontem saíste do berço, aquecida pelos beijos de tua mãe, envolvida nas tuas rendas de inocência; aonde te querem levar?

Frágil batel de candura cujas brisas te devem conduzir a porto de salvamento e ventura; parece que o teu guia, aquele que tem na sua mão o leme da tua vida, te conduz em noite escura, por meio da tempestade, ao rugir convulso das ondas encapeladas, tem uma estrela, sem um farol que lhe indique o bom caminho, o que infalivelmente te fará soçobrar nos arrecifes do infortúnio!

* * *

O representante da lei mandou levantar a *Rediviva*, de Cardoso de Menezes, que, pela terceira vez, os boêmios apresentavam como morta para

⁵ *Gazeta da Tarde*, ano IV, n. 257, 31 de outubro de 1882, p. 1.

excitar a compaixão pública e ela confessou que eram seus próprios pais que a obrigavam àquele sacrifício.

Guerra Junqueiro pediu um garrotilho para *Bébé*.

O que eu pedirei eu para aquele anjo?

Interessado pela sorte dessa gentil criança, a quem obrigaram por uma moléstia de olhos, munidos de atestados médicos, a fingir de cega pelas ruas da cidade, sabem o que fiz?

Escrevi ao meu amigo Braga Júnior, que conheceu, em São Paulo, o personagem importante dessa triste história, para que me desse informações a respeito da sua estada nessa província.

Passo a transcrever o trecho de sua resposta; veja o leitor até onde pode chegar a coragem de um indivíduo:

.....
Apenas fui testemunha da permanência dele, nas cidades de São Paulo e Campinas, onde se realizaram espetáculos a título de benefícios daquelas mesmas crianças que eram apresentadas pelas ruas das cidades como *cegos*, pelo menos uma delas sendo opinião de muita gente que isso não passava de *especulação*! O meu amigo, o distintíssimo poeta Carlos Ferreira, chegou meso uma vez a manifestar-me certa indignação, porque, estando em seu escritório uma das pequenas, suspeitou que esta fazia estudo para sustentar a *cegueira* ou pelo menos para aparentar o mal com muito maíos gravidade; e, quanto às desconfianças que a este respeito existiam, todos os artistas e empregados da companhia dramática, por mim dirigida, podem dar testemunho!

* * *

Fiz mais ainda:

Relendo a carta que tive a honra de dirigir a S.M. Imperial, na quinta-feira passada, supus haver-me iludido a respeito dessa criança, julguei ser vítima de um pesadelo horrível e que tinha mentido ao Imperador!

Antes assim fosse!

Querendo certificar-me, querendo tranquilizar a minha consciência, escrevi a dois amigos, o Dr. Moreira Sampaio e Arthur Azevedo, que estiveram comigo nessa malfadada noite e eis aqui suas respostas:

Primeira:

“Em carta de 2 do corrente, me pede V. que eu lhe externe a impressão em mim produzida pela menor Maria Pinto, na comédia – *Querem ser artistas* – desempenhada na noite de 23 de novembro ultimo no teatro das Novidades.

A minha impressão foi triste, dolorosa mesmo, para que negá-lo?

Dizem-me que tem pai aquela criança; pode ser, mas duvido.

Mãe com certeza não a tem. O anjo da guarda que desde o berço nos guia o passo vacilante, que recebe entre beijos os nossos primeiros sorrisos e banha com lágrimas as nossas primeiras dores, é o final que, por muito apagado que esteja, só nos pode indicar o caminho da virtude.

Não é esse o caminho que aportaram à infeliz criança.

Sem vocação para a cena, Maria Pinto não podia tirar partido do papel que lhe coube no entreato – *Querem ser artistas*.

Do que lhe ensinaram só uma coisa aprendeu: uma dança de requebros indecentes, que executou com grande satisfação talvez de quem a dirige, mas com extremo desgosto de todos quantos presenciaram tão triste como repugnante espetáculo.

Respondendo a pergunta de V., abstenho-me de fazer as considerações que desejava, sobre espetáculos públicos da natureza daqueles a que assistimos, e que constituem, a meu ver, verdadeiros estelionatos, a que a polícia devia por cobro, do mesmo modo porque não permite aos especuladores venderem, como ouro, objetos que o não são.

A arte para os artistas

Sou de V. atenciosamente admirador e amigo.

Moreira Sampaio".

* * *

Eis a segunda. É Arthur Azevedo quem fala:

“Meu Vasques

Indignou-me, como a toda gente que teve a desgraça de ir naquela noite ao Novidades, o espetáculo que ali se deu na frente de SS.MM. e do ministro argentino; a impressão, porém, que me causou a infeliz criança a saracotear os quadros como a Maldonado de que fala o poeta Gonçalves Crespo foi especialmente dolorosa. Lembra-te de que cheguei a gritar: À cena o pai da criança! Imagina se seria aplaudido.

Todo teu.

Arthur Azevedo”.

* * *

É pois verdade, não menti, o escândalo deu-se em toda sua hediondez. O que me resta fazer?

Apresentar esse homem à autoridade competente? Não!

Se ele é pai, se nesse coração ainda existe um ponto que não esteja gangrenado; se ainda há nele uma fibra qualquer que possa agitar-lhe os sentimentos da paternidade, eu lhe suplico, em nome do amor maternal, em nome da família, em nome dessas crianças louras que constituem a alegria

do lar e as esperanças do futuro: não prossiga nessa carreira, faça desse anjo alguma coisa, que não seja a heroína de espetáculos indecorosos.

Trabalhe, procure os meios para que possa passar um dia sem corar por diante da sua filha, recebendo do céu as maldições de sua mãe!

Se que preparar o futuro dessa menina e sente falta de recursos, venha ter comigo, venha ao escritório da *Gazeta da Tarde*.

Farei abrir uma subscrição, pedirei ao povo, aos pais, às mães, às famílias, às crianças, um donativo qualquer e a sua consciência se pai ficará salva!

Não queira acarretar sobre sua cabeça a responsabilidade de uma desventura: a sociedade lhe pedirá contas.

* * *

O dia 25 está próximo. É a festa da inocência! Que essa aurora universal ilumine o seu espírito! Que o aniversário do Redentor produz em sua alma um arrependimento sincero!

A religião é um bálsamo para todas as culpabilidades.

No grande banquete do cristianismo todos têm lugar, uma vez que os guardanapos da sua consciência estejam limpos.

Mande essa criança colher na árvore do natal as flores mais viçosas da virtude, para com elas enfeitar o berço do Salvador do mundo. A virgem santa o abençoará!

A pobreza honesta não se envolve na capa do vício para se aquecer do frio da necessidade, ela sobe com dificuldade durante muito tempo a montanha do trabalho para encontrar lá em cima um pedaço de pão! Os que têm pressa tomam por outro atalho, caminham rápidos, é verdade, porém chegam inevitavelmente à borda do abismo da desgraça que de ruelas escancaradas está pronto para receber os que não querem conhecer a estrada do bem.

Falo com o coração, é um pai que fala a outro pai, se o não é, ainda assim acredito que as minhas palavras serão como marteladas de ferro sobre a sua figura de homem! Elas o farão acordar!

Se continuar a dormir, se o seu sono for tão pesado que não me ouça, se essa criança vítima da sua [ilegível] continuar a ser sacrificada; se é sua filha, resta a Deus piní-lo das suas culpas.

Agora se o não é, o caso muda de figura. Compete ao Exm. Sr. Juiz de órfãos, averiguar o caso e proceder na forma da lei! Compete-lhe evitar mais uma catástrofe, abrigando debaixo da bandeira da justiça os desamparados da sorte.

Compete finalmente a S. Exa. Dr. Chefe de polícia da corte mandar agarrar um tipo dessa origem pela gola do casaco para perguntar-lhe em face:

- Em que te ocupas, malandro?.....

F.C.Vasques
Rio, 6 de dezembro de 1883.⁶

Nota de pesquisa recebida para publicação em 30/04/2019

Nota de pesquisa aprovada para publicação em 06/06/2019

⁶ *Gazeta da Tarde*, ano IV, n. 285, 6 de dezembro de 1883, p. 1.